

Fortes D'Aloia & Gabriel

Carpintaria

Rua Jardim Botânico 971 | 22470-051 Rio de Janeiro Brasil

T +55 21 3875 5554 | [www.fdag.com.br](http://www.fdag.com.br)

## ***Escrito no corpo***

*Então é melhor falar  
Tendo em mente que  
Não esperavam que sobrevivêssemos*

Audre Lorde

Fundado no Rio de Janeiro em 1944, o Teatro Experimental do Negro, idealizado por Abdias Nascimento, tinha como propósito central a reivindicação de espaço para pessoas negras no teatro da época. No entanto, se a estratégia inicial do TEN consistia em uma apropriação do teatro como espaço de poder, sua ação se revelaria um tanto mais tentacular, costurando uma complexa teia de eventos e agentes em diferentes frentes de articulação.

A companhia foi pioneira em organizar, por exemplo, cursos de alfabetização, frentes trabalhistas e até concursos de beleza que reivindicavam e enalteciam a cultura negra em uma sociedade profundamente racista, pautada ainda pelo mito da “democracia racial”. Apesar das atividades do TEN terem se encerrado em 1961 por conta do exílio de Nascimento em decorrência da ditadura militar que batia à porta do Brasil, os ecos de sua existência continuariam a se dar nas décadas seguintes e - por que não? - ainda hoje.

**Escrito no corpo** elege parte do acervo fotográfico da companhia como ponto de partida e inflexão para discutir questões ligadas à raça, identidade e corpo. Seria possível, portanto, pensar o teatro fundamentado em dinâmicas e práticas tradicionais pretas? E a arte? Fazer junto, em coletividade, é de caráter preto. Este pagode proposto – união epistemológica de saberes do corpo para fruição em conjunto – traz a conversa a partir das imagens e das ideias de Abdias e do TEN e nos dá suporte para pensarmos a arte e os artistas de hoje.

Se a construção racista rasgou o mundo em dois capítulos, busquemos suturas possíveis para a escrita da história e de estórias. Narrativas outras, habitadas por vencedores insuspeitados, por imperadores destituídos e bustos desfigurados.

Trazendo ao texto Audre Lorde, evocamos o corpo e o pensamento de cada pessoa aqui presente com seu trabalho, pensamento e fazer. Esta exposição fala de uma arte possível, que só foi possível por linguagens, éticas e estéticas que caminham na linha da abundância. Vejam que estamos aqui. Fazendo e sendo arte.

Keyna Eleison e Victor Gorgulho